

Dívida: não há acordo em Nova York. Nova reunião quarta-feira.

Depois de passar dois dias reunido em Nova York com o comitê de assessoramento da dívida externa brasileira, o presidente do Banco Central, Fernão Bracher, retornou na noite de ontem ao Brasil sem fechar um acordo de prorrogação com os banqueiros. Na próxima semana, exatamente quarta-feira, as negociações terão continuidade e a partir daí poderá sair um acordo, conforme o comunicado distribuído por William Rhodes, presidente daquele comitê:

"Fernão Bracher, presidente do Banco Central do Brasil, e outros representantes do governo brasileiro completaram dois dias de conversações com o comitê assessor da dívida externa brasileira e discutiram sobre a situação econômica e as negociações da dívida. Os representantes brasileiros e o comitê concordaram em reiniciar negociações preliminares na próxima quarta-feira em Nova York para então decidir-se por uma possível prorrogação por mais um ano".

Mesmo assim, um banqueiro norte-americano disse que ainda existem muitos obstáculos e que será difícil o Brasil obter a prorrogação por cinco anos, conforme pretende o ministro Dílson Funaro, da Fazenda.

Na opinião do presidente do Banco Central — que conversou rapidamente com os jornalistas antes de ir para o aeroporto —, a viagem foi bastante produtiva, principalmente porque foi atingido o seu ob-

jetivo, que era deixar Nova York com uma data fixada para reiniciar as negociações com os 14 banqueiros, representantes dos 700 bancos privados estrangeiros.

Mesmo assim, Bracher concordou que a Resolução nº 63 "é uma dificuldade efetiva". "Esta é uma questão muito importante para os banqueiros, e o que sentimos é a grande preocupação deles, principalmente por causa dos bancos pequenos, que nem sempre têm uma compreensão da situação. Por isso, mostramos a eles as nossas limitações e agora temos de aguardar", afirmou o presidente do Banco Central.

Durante os quatro dias em que esteve em Nova York, Bracher passou dois em conversas isoladas com os dirigentes dos grandes bancos norte-americanos e dois em discussões com o comitê assessor, fazendo principalmente uma exposição sobre a economia brasileira e as fórmulas usadas para resolver os maiores problemas, como o déficit público. Segundo o presidente do Banco Central — que se encontrou pela primeira vez com esses banqueiros —, as conversas tiveram um bom clima, com uma reação positiva deles, que foram informados sobre o pagamento de 25% da dívida do Comind e do Auxiliar na próxima segunda-feira.

Além disso, o presidente do Banco Central esteve reunido durante três horas, quarta-feira, com cerca de 25 representantes dos ban-

cos brasileiros em Nova York. Ontem, Bracher negou que existam problemas também com outras instituições bancárias brasileiras, afirmando com otimismo que todas as operações transcorrem normalmente.

Ao final da reunião de ontem, Bracher informou que Antônio de Pádua Seixas, diretor para Assuntos da Dívida Externa, será o representante brasileiro para as conversações da próxima semana. Ou seja, quando o comitê assessor voltar a se reunir com as autoridades financeiras do governo brasileiro, no dia 18 de dezembro, estará faltando apenas um mês para a expiração do acordo da fase 2 da dívida externa brasileira.

Ainda em relação a essas negociações, o ministro do Planejamento João Sayad mostrou-se bastante tranquilo e otimista quanto à possibilidade de o Brasil conseguir outra prorrogação por mais dois anos. O ministro do Planejamento participou ontem de uma mesa-redonda com empresários brasileiros e norte-americanos, na reunião anual do Conselho das Américas, sobre a possibilidade de investimentos norte-americanos no Brasil.

Na próxima semana, Sayad irá a Washington, onde se encontrará com Paul Vocker e James Baker, além de ir ao Banco Mundial. Segundo o ministro, somente em Washington é que ele realmente tratará de negócios.

Eliane Gamal, de Nova York.